Bolsonaro e a Cultura do Politicamente Incorreto na Política Brasileira

Josnei Di Carlo [1]
João Kamradt [2]

Resumo

Qual relação o mercado editorial tem com o crescimento de Jair Bolsonaro? Neste artigo, apresentamos uma correlação entre o surgimento, em nossa história recente, de uma cultura específica que difunde valores compartilhados pela nova direita e que ganharam a alcunha de politicamente incorreto e Bolsonaro, que seria seu tradutor ao grande público. Para tanto, demonstramos, de um lado, como a partir de 2009 surge um número cada vez maior de obras com o sintagma politicamente incorreto no título, apresentando manuais sobre os mais diferentes temas (filosofia, história, sexo etc). Ao mesmo tempo que, de outro, há o crescimento da figura política de Bolsonaro, principalmente por meio de sua página no Facebook, no qual passa a publicar conteúdos contra o politicamente correto. Assim, concluímos que as publicações acabaram servindo de fonte, traduzida e ressignificada pelo político, para atingir um público antipetista e insatisfeito com o *establishment*.

Palavras-chaves: antipetismo; Jair Bolsonaro; politicamente incorreto; nova direita; mercado editorial.

Bolsonaro and the Politically Incorrect Culture in Brazilian Politics

Abstract

What relationship does the publishing market have with the growth of Jair Bolsonaro? In this article, we present a correlation between the emergence, in our recent history, of a specific culture that diffuses values shared by the new rightwing and that have earned the nickname politically incorrect and Bolsonaro, who would be his translator to the general public. To that end, we show, on the one hand, how, from 2009 onwards, there is an increasing number of works with the phrase politically incorrect in the title, presenting manuals on the most different themes (philosophy, history, sex etc). At the same time, on the other hand, there is the growth of the political figure of Bolsonaro, mainly through his Facebook page, in which he begins to publish content against the politically correct. Thus, we conclude that the publications ended up serving as a source, translated and reassigned by the politician, to reach an audience against PT and dissatisfied with establishment.

Keywords: antipetism; Jair Bolsonaro; politically incorrect; new rightwing; editorial market.

---

1 Doutor em Sociologia Política (PPGSP) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador do Laboratório de Sociologia do Trabalho (LASTRO/UFSC).
2 Doutorando e mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Introdução

As editoras publicam guias para facilitar o entendimento dos leitores sobre determinado tema, fornecendo a eles um conjunto de ideias de fácil assimilação e reprodução. São, portanto, simplificadores e, também, amplificadores. Nos últimos anos, vimos livros revisando a história do Brasil, da América Latina, do mundo, da economia brasileira, da filosofia, do sexo e do futebol. Todos apresentados por meio do sintagma "politicamente incorreto". Na lógica desse fenômeno que ganhou força nos últimos dez anos, a desigualdade social e econômica existente no Brasil deve ser entendida como um processo em que não há culpados (NARLOCH, 2015); os índios não foram usurpados e mortos pelos portugueses, mas sim desejavam viver junto a eles. Com isso, em uma inversão retórica, não foram os colonizadores que mais mataram os colonizados e sim estes que foram responsáveis por suas mortes (NARLOCH, 2009). Em outro tema revisitado, toda mulher espera por um homem que a conduza, a banque e determine como ela deve viver. Já o movimento feminista, que luta pelo empoderamento da mulher, nada mais é do que um movimento mal-intencionado (PONDÉ, 2015).

Buscar a igualdade entre sexos e gêneros, acreditar que é possível reduzir a desigualdade econômica e social, não negar que, no passado, povos foram exterminados e culturas dizimadas, compreender o complexo e doloroso processo histórico em que um país como o Brasil surgiu e desejar reparações são alguns dos sintomas de indivíduos que não aceitam a vida como ela é, que desejam usurpar aqueles que batalharam para ser ricos, que tentam mudar a lógica bíblica de que uma família é composta por homem e mulher. Enfim, são vontades conhecidas como "politicamente corretas" e que hoje, para um grupo ligado a valores conservadores, devem ser combatidas.

Como se vê, o termo politicamente incorreto vem passando por batalhas discursivas. Isso não é exclusividade apenas do Brasil, com esse fenômeno também sendo visto nos Estados Unidos, onde tem sido usado por grupos que buscam se amparar na primeira emenda da constituição estadunidense (que trata da liberdade de expressão) para defender discursos misóginos, violentos, racistas etc. No Brasil, o politicamente incorreto passou a ser apropriado por indivíduos que não respeitam as minorias. Por isso, neste artigo trataremos do fenômeno editorial das obras que apresentam o sintagma politicamente incorreto no título e de como o revisionismo histórico, moral e social proposto por elas foi traduzido pelo, na época, presidenciável Jair Messias Bolsonaro. Como afirma em um *post* em sua página oficial no Facebook: "O politicamente correto é uma das táticas da esquerda para fazer o que sempre fizeram em países que implementaram seu plano de poder: aos simpatizantes tudo, aos adversários a força e à população o controle, a mordaça e nada mais. A maneira que acharam para tentar dominar a maioria" (BOLSONARO, 2018). Neste artigo, defendemos que a cultura do politicamente incorreto, que teve seu crescimento acentuado com a publicação de um número cada vez maior de livros a partir de 2010, está presente no campo político na retórica de Jair Bolsonaro, contribuindo para um político ligado organicamente aos militares alcançar setores mais amplos da sociedade civil, especialmente os jovens socializados nessa cultura. Não é ocasional, portanto, sua força entre eleitores que tenham entre 16 e 34 anos (SOLANO, 2018). Por fim, a análise recorre a técnicas de pesquisas diversas, por exigência do objeto e da abordagem (CEPÊDA; DI CARLO, 2017).

Cartografia do Politicamente Incorreto

Em 30 de julho de 2018, Jair Bolsonaro foi sabatinado pelo programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Suas afirmações, marcadas por uma leitura enviesada da história, pareciam saídas de um guia cheio de verdades absolutas sobre processos históricos complexos e contraditórios. Uma em especial merece ser lembrada: "O

português nem pisava na África, eram os negros que entregavam os escravos" (BOLSONARO, 2018). Esta e outras nos parecem tão próximas por apresentarem convicções próprias de quem descobriu uma verdade absoluta que o conhecimento histórico não tem como apresentar, dada sua multiplicidade de abordagens, cujos resultados são os mais diversos. Em uma palavra, as afirmações de Bolsonaro nos são tão próximas por repisarem o senso comum sobre as minorias, de um lado, e sobre a história brasileira recente, marcada por uma ditadura militar violenta, por outro. Elas têm uma meta precisa, caso olharmos para o contexto social em que são pronunciadas, o de reestabelecer o *status quo* ameaçado pelo protagonismo das minorias nos últimos anos e de revisar a história brasileira recente, dirimindo a violência da ditadura militar.

Em um país marcado por uma memória fraca sobre sua história, a atuação política de Bolsonaro fortalece a amnésia coletiva, principalmente em um país sem tradição de museus voltados à representação da violência em sua história (escravidão, ditadura militar etc). Ao contrário de outros países, com essa violência fazendo parte do imaginário coletivo, o Brasil não tem uma relação de continuidade com sua história[3]. Com isso, o presente desliga-se do passado, tanto recente quanto mais longínquo. Um processo histórico sem um *continuum* torna o Brasil preso a um eterno presente (POLLAK, 1989). O caráter pedagógico do conhecimento histórico se desfaz e o processo político e social marcado pela violência contra as minorias e os opositores passa a ser ignorada[4]. Sendo assim, fácil para que discursos revisionistas como o de Bolsonaro consigam adeptos entre os jovens (PAIXÃO; FRISSO, 2016). Suas afirmações no programa *Roda Viva* são possíveis por causa de um conhecimento histórico que não se universaliza. Portanto, é um produto complexo, talvez até consciente de nossa amnésia coletiva sobre a história. Nesse sentido, um ideólogo que precisa ser compreendido, por verbalizar valores de uma cultura que se formou nos últimos anos. Um tradutor, cujo contexto social tem de ser compreendido para formularmos hipóteses sobre seu protagonismo político entre jovens, eleitores com curso superior e de renda mais elevada, como atesta a pesquisa de junho do ano corrente da Datafolha (2018).

O revisionismo histórico bolsonarista, portanto, é uma cosmovisão, compartilhada por seu público, cujo perfil pode ser tomado como sendo homólogo ao de seus eleitores. Por isso, a nova direita[5], o tendo como seu principal representante político, partilha uma visão específica sobre a história brasileira: negar toda violência praticada contra os negros, quando a escravidão vigorava, e contra os opositores, na época da ditadura militar. Esse revisionismo tem sua razão de ser, negar a agenda das minorias por legislação específica para protegê-las das assimetrias que bloqueiam oportunidades iguais para elas em uma sociedade desigual e justificar a violência estatal contra a oposição. Uma cosmovisão, portanto, que objetiva bloquear uma agenda e determinar uma forma de exercer o poder político. Tudo marcado por uma violência discursiva que não disfarça um autoritarismo a pôr em risco o processo democrático (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Principalmente no Brasil, em razão de a confiança na democracia, conforme pesquisa recente da Datafolha (2017), ser baixa.

---

3 Segundo levantamento conduzido pelo Instituto Paraná Pesquisas, em outubro de 2017, um terço da população brasileira (exatos 35%) apoiaria uma intervenção militar no país (SANTOS, 2017).

4 Em 2008, em pesquisa da Datafolha descobriu-se que oito em cada dez brasileiros nunca ouviram falar do Ato Institucional Nº 5 (AI-5), que legitimou ainda mais a violência da ditadura militar (PULS; PAIVA, 2008).

5 Apesar de não nos afastarmos da definição de direita e esquerda de Bobbio (2001), adotamos uma mais instrumental, em conformidade com nosso objetivo. Assim, a nova direita está atrelada ao restabelecimento do *status quo,* voltando-se contra a agenda das minorias, ao contrário da esquerda. Como se vê, essa definição, mesmo instrumental, trás em seu bojo as dicotomias apontadas por Bobbio (2001) a cingir a esquerda da direita: igualdade/desigualdade e liberdade/autoridade. Ademais, Cepêda (2018) realiza uma discussão mais aprofundada sobre direita e nova direita, que não cabia neste artigo.

E o desconhecimento sobre os direitos humanos ser alta, conforme pesquisa da *Human Rights in 2018 – Global Advisor*, do Instituto Ipsos (FRANCO, 2018).

Onde poderíamos identificar a formação dessa cultura específica que se dissemina nos últimos anos? Não é na universidade, por ser uma reação ao conhecimento crítico produzido nela, apesar de alguns de seus produtores exercerem a atividade docente e muitos de seus consumidores estarem sentados nos bancos universitários. Quem se identifica com essa cultura tem formação superior, mas se afasta desse conhecimento, se tomarmos como base os eleitores de Bolsonaro. Assim, reage contra os saberes das humanidades, caso apresente resultados que não sustem suas convicções sobre as minorias. É uma cosmovisão conservadora que procura espaços de disseminação e difusão fora da universidade. Para nós, é uma cultura específica que se forma com colaboração do mercado editorial e dos meios de comunicação de massa, atendendo a um público que precisa reafirmar determinados valores. No primeiro caso, lançamentos de uma série de livros que se voltam contra o saber produzido na universidade na área de humanas. Escritos, *em geral,* por jornalistas que não adquiriram nos bancos universitários os instrumentos para interpretar os dados que têm em mãos (MALERBA, 2013)[6]. No segundo caso, destacam os humoristas influenciados pelo *stand up comedy*, cuja figura eminente é Danilo Gentili. A sociabilidade desse público se dá, especialmente, através das redes sociais, cuja linguagem Bolsonaro domina como poucos, inclusive a levando para a esfera pública (LAGO, 2018). Podemos identificar essa cultura pelo sintagma "politicamente incorreto", cuja relação com a nova direita não mereceu uma investigação mais detalhada, inferimos pela ausência do termo em Cruz *et al.* (2015) e Solano (2018b) e seu uso *en passant* por Solano (2018a), sem qualquer referência ao mercado editorial. Reconhecemos, porém, que Chaloub e Perlatto (2016) apontaram que a mediação dessa relação se dá via mercado editorial.

A afirmação de Bolsonaro feita no programa *Roda Viva*, citada anteriormente, sobre a escravidão é emblemática dos valores dessa cultura. Qual é a razão por trás de sua afirmação? Foi feita para justificar sua posição contra as cotas raciais. Subjacente a seu argumento está a noção de dívida histórica da sociedade brasileira para com os negros. Para ele, essa dívida não existe por dois motivos: 1) por ele nunca ter escravizado ninguém; e 2) pela escravidão não ter sido obra da subjugação do colonizador sobre os negros. Seu argumento, didático da cosmovisão da nova direita, desloca-se do individualismo, de que ele, Jair Messias Bolsonaro, como não escravizou, não pode pagar por algo do qual não é de sua responsabilidade, para a negação da subjugação do colonizador sobre os negros, levando-os à marginalidade na sociedade brasileira. Em síntese, não há uma dívida nem no plano individual, muito menos no plano coletivo, já que os negros foram responsáveis pela própria escravidão. O argumento bolsonarista é atrativo para quem se sente prejudicado pelas cotas raciais, por mobilizar o individualismo de quem se sente afetado por medidas coletivas a afetá-lo individualmente.

Não se trata de uma afirmação deslocada de um contexto social marcado por uma agenda que ameaça o *status quo*. A questão, para nós, no caso da cultura do politicamente incorreto, é restabelecer o *status quo* ameaçado pela emergência das minorias, pondo reivindicações específicas na agenda. Bolsonaro, portanto, não surge em um vazio. Ele é porta-voz de uma cultura sedimentada nos últimos anos pelo mercado editorial e pelos meios de comunicação

---

6 A afirmação precisa ser matizada, em razão de professores universitários – como Luiz Felipe Pondé, já citado na "Introdução" – também serem autores de tais livros. Portanto, a formação de uma cultura específica disseminada pelo mercado editorial não é plenamente externa ao campo acadêmico. A disseminação dela, porém, é, na medida em que se dá pelo mercado editorial. Esses professores legitimam essa cultura ao afirmarem que seus discursos não têm espaço na universidade, por causa da hegemonia de esquerda em seu interior.

de massa. Sua ressonância no meio social se deve a ter encontrado uma cultura em difusão nos últimos anos. No caso do mercado editorial, a cultura do politicamente incorreto é evidente, por muitos dos livros que fazem uso do sintagma no título ganhar lugar de destaque nas vitrines das *megastores*. Por negar o saber crítico proveniente da universidade, essa cultura pode ser tomada como uma *contra-história*, objetivando negar todo conhecimento produzido na área das humanas sobre a violência a marcar a sociedade brasileira contra as minorias[7].

Em última instância trata-se de uma narrativa produzida pela nova direita que se sente prejudicada pelo avanço do saber científico, eminentemente nas humanidades, que subsidiou as minorias a terem voz na sociedade. Mas, ressalta-se, a cultura do politicamente incorreto está marcada por uma linguagem ágil e direta, no caso da série de livros (SOUZA, 2010; AVELAR, 2013; RAMOS, 2015), e no cinismo, no caso do humor (PIRES, 2015; GRUDA, 2015). Ao contrário da linguagem de Bolsonaro, marcada por uma retórica agressiva contra as minorias. Em 2003, ainda longe de ter o reconhecimento que tem hoje, Bolsonaro afirmou para a também deputada federal Maria do Rosário que não a estuprava por ela não merecer (CUNHA E CRUZ *et al.*, 2018). Contudo, os valores são os mesmos, em sua tentativa de restabelecer o *status quo*. Assim, para fornecermos mais um subsídio para se entender a emergência de Bolsonaro como protagonista político fizemos uma cartografia do politicamente incorreto. Em uma palavra, a partir de que momento em nossa história recente pode-se falar do surgimento de uma cultura específica, a difundir valores compartilhados pela nova direita, tendo Bolsonaro como seu tradutor no campo político?

Por partirmos do princípio que ela vem se formando com uma colaboração significativa do mercado editorial, fizemos um levantamento de todas as obras literárias que fazem uso do sintagma politicamente incorreto no título para ver sua evolução nos últimos anos. Para isso, consultamos o sistema de busca da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), do Google Scholar, da Amazon e da Estante Virtual para levantarmos as obras que fazem uso de politicamente incorreto no título, para construirmos o Gráfico 1. A primeira hipótese é que essa cultura começa a ganhar força no início da década de 2010. Trata-se, portanto, de um fenômeno cultural e editorial que coincide com a ascensão política de Bolsonaro, como veremos na próxima seção de nosso artigo. Marcado pelo enfraquecimento político do Partido dos Trabalhadores (PT), por conta de escândalos de corrupção, o politicamente incorreto se dá sob o signo do antipetismo. Identifica o PT como o responsável por uma agenda de esquerda que passou a ameaçar o status quo, mesmo com suas medidas conciliadoras não aprofundando essa agenda[8].

Em 2001, surge o primeiro livro com o sintagma politicamente incorreto no título. Mas é apenas em 2009, com o sucesso causado pelo

---

7 O que entendemos por contra-história está muito próximo da distinção que Pollok (1992, p. 8) faz de uma história particularizada – por oferecer uma cosmovisão das diversas que se pode ter sobre a representação histórica – de uma história parcial – quando ocorre um afastamento da diversidade da representação histórica: “a história oral nos obriga a levar ainda mais a sério a crítica das fontes. E na medida em que, através da história oral, a crítica das fontes torna-se imperiosa e aumenta a exigência técnica e metodológica, acreditamos que somos levados a perder, além da ingenuidade positivista, a ambição e as condições de possibilidade de uma história vista como ciência de síntese para todas as outras ciências humanas e sociais. Há uma perspectiva que considera a história como sendo a reconstrução, para um período determinado, de todos os materiais que as outras ciências nos fornecem. Mas na medida em que os objetos da história se diversificam, se multiplicam, pessoalmente vemos, nessa pluralização, uma grande dificuldade em manter a ambição da história como ciência de síntese. Pensamos que, pela força das coisas, a história virá a ser uma disciplina particularizada – sem se tornar parcial, pois é isso que se critica hoje na história oral, a sua alegada parcialidade. Achamos que é este o destino da história, talvez. Nisso vemos uma continuidade entre a história social quantificada e a história oral. Acreditamos que esses dois campos aparentemente tão opostos apresentam uma continuidade. Vemos também uma relação particularmente estreita entre a história e certos subcampos da sociologia”.

8 Para ficar em apenas uma das medidas conciliadoras que foram tomadas com a intenção de agradar o mercado, lembremos da reforma da previdência por meio da proposta de emenda à constituição 40, que acabava com a aposentadoria integral dos futuros servidores públicos, como lembra Singer (2012).

fenômeno editorial *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, assinado pelo jornalista Narloch (2009) e publicado pela LeYa, que se torna mais consistente o uso do termo por parte das editoras. A partir de 2009, como se vê no gráfico logo abaixo, geralmente são lançados dois livros por ano que fazem uso do sintagma. É em 2015, ano marcado pelas mobilizações pedindo o *impeachment* de Dilma Rousseff, que o politicamente incorreto torna-se um fenômeno editorial significativo e passa a fazer parte do repertório contra uma mulher à frente da Presidência da República. Não é à toa que o politicamente incorreto está marcado pelo antipetismo. Não só, por um movimento de direita que tomou conta das ruas nos últimos anos, cujos livros vêm formando jovens adeptos de uma contra-história, em razão de o conhecimento da área das humanas, produzido pela universidade, ser apontado como contrário aos valores mobilizados por essa cultura. Em síntese, a cultura de esquerda é politicamente correta, e é produzida e legitimada pela universidade, e a da direita é politicamente incorreta, precisando de outra instância de legitimação, já que a universidade está tomada pelo pensamento crítico. Daí o politicamente incorreto estar marcado pelo signo da revolta, sendo atraente para jovens que tomam o anti-intelectualismo como sinônimo de um pensamento que se volta contra um estado de coisas.

Nas manifestações de 2015, o antipetismo (MESSENBERG, 2017) confundiu-se, para nós, com o antipartidarismo. Sua causa deve-se à crise da representatividade do PT, cuja consequência foi favorecer a emergência de um *outsider* capaz de agregar a seu capital político tanto o antipetismo quanto o antipartidarismo (TELLES, 2016). Bolsonaro, com habilidade inconteste, emergiu como protagonista político, com um discurso antipetista e antipartidário. Ao seu antipetismo incorporou a cultura do politicamente incorreto, por acreditar que as minorias chegaram ao poder com o PT. Fazendo parte, portanto, do mesmo problema. Apesar de o PT não ter avançado significativamente nas pautas progressistas, em nome da governabilidade, passou a identificar-se com elas, fazendo com que o antipetismo se confundisse com uma cultura que procurava restabelecer o *status quo* ameaçado ao longo de todo o governo petista. Cosmovisão acentuada pelo fato de uma mulher ocupar a Presidência da República, mobilizando, nas manifestações contra Dilma Rousseff, todo um repertório misógino politicamente incorreto.

Gráfico 1: Livros[9] que possuem o sintagma "politicamente incorreto" no título, por ano, desde o começo do século

---

9 Em nosso levantamento encontramos os seguintes livros que fazem uso do sintagma: 2001) *Amós: um Profeta Politicamente Incorreto* (Aldina da Silva); 2003) *Humor Politicamente Incorreto* (Nani); 2007) *Dicionário Politicamente Incorreto* (Solimar Moisés); 2009) *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* (Leandro Narloch), *Contos de Ficção Fictícia e Politicamente Incorretos* (Daniel Dann), *Os Pecados do Capital: o Guia Politicamente Incorreto do Capitalismo* (Robert P. Murphy); 2010) *Politicamente Incorreto* (Danilo Gentili), *Curto & Grosso : o Brasil de Cabo a Rabo na Visão de um Publicitário Politicamente Incorreto* (Flávio Correa); 2011) *Gordo de A a Z – Pequeno Dicionário Politicamente Incorreto do Gordo* (Gaspar Bissolotti Neto); *Guia Politicamente Incorreto da América Latina* (Leandro Narloch; Duda Teixeira); 2012) *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia* (Luiz Felipe Pondé); *Consternado – uma História de Amor Politicamente Incorreta*, volume 1 e 2 (Juliano Schiavo); 2013) *O Livro Politicamente Incorreto da Esquerda e do Socialismo* (Kevin D. Williamson), *Uma História Politicamente Incorreta da Bíblia* (Robert J. Hutchinson); 2014) *Quebrei: Guia Politicamente Incorreto do Empreendedorismo* (Leonardo de Matos), *Guia Politicamente Incorreto do Futebol* (Jones Rossi; Leonardo Mendes Júnior); 2015) *Guia Politicamente Incorreto da Economia Brasileira* (Leandro Narloch), *Guia Politicamente Incorreto do Sexo* (Luiz Felipe Pondé), *Politicamente Incorreto: o Guia dos Guias* (Leandro Narloch), *Ataques de Riso Politicamente Incorretos* (Jucá Marcelo); 2016) *Em Torno dos 26 Anos: quando Predominam Tons Tristes, Vaidosos e Politicamente Incorretos* (Raul Ruas), *Guia Politicamente Incorreto dos Presidentes da República* (Paulo Schmidt), *Guia Politicamente Incorreto da Literatura* (Elizabeth Kantor), *Politicamente Incorreto: 150 Pensamentos de Donald Trump* (Donald Trump), *Guia Politicamente Incorreto sobre o que se Aprende na Escola* (Noé Amós Guieiro), *Manual Politicamente Incorreto do Direito no Brasil* (Paulo Ferrareze Filho); 2017) *Guia Politicamente Incorreto dos Anos 80 pelo Rock* (Lobão), *Manual Politicamente Incorreto da Ciência* (Tom Bethell), *Guia Politicamente Incorreto da Administração de Empresas* (Heverton Anunciação), *Livro Politicamente Incorreto da Virgem Maria* (Waldon Volpiceli); 2018) *João Batista – o Pregador Politicamente Incorreto* (Ciro Sanches Zibordi) e *Manual Politicamente Incorreto do Islã e das Cruzadas* (Robert Spencer).

Fonte: os autores.

Não queremos dizer, entretanto, que ser antipetista é ser antidemocrático. Mas por ser o partido político com o maior número de simpatizantes até então (SAMUELS, 2008), sua crise foi um termômetro da crise do sistema partidário, sendo uma janela de oportunidade para um *outsider* como Bolsonaro crescer com sua retórica antidemocrática e alcançar a presidência. Nos últimos anos, ressalta-se, Lula recuperou parte de seu prestígio, mas não o PT, acentuando a luta eleitoral marcada pelo personalismo e que se deu sob a égide da crise do sistema partidário. A recuperação de seu prestígio, porém, teve um efeito curioso, com candidatos à presidência da República se colocando como antipetistas, mas não como antilulistas. Um exemplo é quando Henrique Meirelles (MDB) buscou alcançar votos lembrando que fora ministro de Lula e dizendo que o ajudara a empregar dez milhões de pessoas (FERNANDES, 2018). Bolsonaro, assim, mobiliza a cultura do politicamente incorreto, identificada com o antipetismo de classe média, mas tenta atrair a base social do lulismo. São incorporados, em seu plano de governo, os valores do politicamente incorreto mais o antipetismo atrelado a um personalismo que se coloca acima dos partidos, da crise que acometeu o sistema político, em um viés bonapartista (MARX, 2011), inclusive na mobilização, mesmo que simbólica, das Forças Armadas – ratificado com a escolha do general Hamilton Mourão ao posto da vice-presidência, levando a chapa a ser formada por dois militares da reserva. Bolsonaro, portanto, é reflexo de uma cultura que se formou nos últimos anos aliada à crise institucional sem precedente na história recente.

O politicamente incorreto abriu uma janela de oportunidade para a nova direita tornar-se protagonista na cena política e passar a colocar-se efetivamente como oposição ao governo do PT e às minorias. Por causa da recuperação parcial do prestígio de Lula, Bolsonaro teve de ao mesmo tempo mobilizar a cultura do politicamente incorreto e o antipetismo sem afastar os eleitores que já demonstraram alguma simpatia por Lula. Ademais, a retórica politicamente incorreta dificultou seu crescimento entre as mulheres. A cultura que ele usou para mobilizar adeptos a sua candidatura cresceu nos últimos anos, levando-o à Presidência da República, mas ele buscou se equilibrar como o representante dessa cultura sem deixar de atrair votos da base social do lulismo e das mulheres.

Por que o politicamente incorreto foi capaz de mobilizar a classe média em torno do projeto político de Bolsonaro? O elemento primordial, claro, é a própria base eleitoral de Lula, porque, de um lado, foi quem ascendeu socialmente nos governos do PT, mas, de outro, é quem passa a ser visto como ameaça ao *status quo* da classe média. O politicamente incorreto pode ser tomado como uma cultura em que a classe média expressa seu repúdio à base eleitoral do lulismo. Uma observação de Slavoj Zizek nos ajuda a compreender a formação dessa cultura autoritária que limita o poder de mobilização eleitoral do

politicamente incorreto. Zizek (2012) observa que a contradição da classe média é mais bem observada em sua relação com a política. Para ele, ela é contrária à politização, ao fazer de tudo para sustentar seu estilo de vida – um trabalho estável e uma vida em paz –, acaba apoiando golpes e defendendo governos autoritários, para a sociedade ser desmobilizada. Em uma palavra, prefere à ordem a uma sociedade mobilizada pelas minorias em torno de uma agenda igualitária. Mas ela é responsável pela mobilização em massa de uma base social para sustentar o populismo de direita, como o de Le Pen na França e o *Tea Party* nos Estados Unidos. Não é diferente do Brasil, a classe média se mobilizou para tentar desmobilizar uma agenda igualitária defendida pelas minorias. Para isso, mirou no PT, sendo vitoriosa com o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, e na campanha que levou Bolsonaro à presidência do país, em 2018.

A relação dessa cultura com o autoritarismo se sustenta na crise dos partidos políticos, que não se resume ao Brasil. A cultura do politicamente incorreto cresceu com a crise dos partidos políticos, dando vazão a lideranças autoritárias como Bolsonaro. Talvez o processo democrático seja muito politicamente correto para seus adeptos. Como coloca André Singer, para Kamradt e Di Carlo (2013), há uma crise generalizada dos partidos políticos, cujo esvaziamento está se dando em todas as democracias. Sendo, portanto, um desafio ao futuro das democracias. Como Singer coloca, "talvez esse seja o principal desafio contemporâneo, uma vez que a democracia foi um enorme avanço social e político e, portanto, algo a ser preservado e aprofundado, evitando-se todos os tipos de riscos de retrocesso" (KAMRADT; DI CARLO, 2013). Não se trata, para ele, de um problema brasileiro, mas das democracias como um todo. Sua solução, para superar a crise dos partidos políticos, passa pelo aumento da participação social e popular. Basicamente, as mesmas reivindicações que foram colocadas, de modo desordenado, nas Jornadas de Julho de 2013. Canais de participação social e popular que não dependessem da medição dos partidos políticos. Para ele, porém, o aumento da participação faria com que o sistema partidário fosse reintegrado à sociedade, talvez até através da criação de novos partidos políticos. Singer conclui "que o caminho para uma revitalização dos partidos está dado pelo aumento do teor de participação social. E, evidentemente, os partidos terão que se abrir para esse tipo de movimento" (KAMRADT; DI CARLO, 2013). Assim, deve-se pensar uma reforma política que diminuísse o poder de influência do dinheiro sobre as campanhas políticas, aumentando a possibilidade de o cidadão comum participar da política.

Compreensível, portanto, a cultura do politicamente incorreto não ser um fenômeno somente brasileiro, já que é produto da própria crise dos partidos políticos que se dá nas democracias. Zizek (2016) observa que a "dilapidação da esfera pública" permite a "ressurgência das vulgaridades do discurso 'politicamente incorreto'". Somente assim, para ele, compreende-se a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos. "O problema aqui está no que Hegel chamou de *Sittichkeit*: a eticidade dos costumes, o espesso pano de fundo de regras (não ditas) da vida social, a densa e impenetrável substância ética que nos diz o que podemos ou não fazer" (ZIZEK, 2016). Continua Zizek (2016), "essas regras estão desintegrando hoje: o que era simplesmente indizível em um debate público algumas décadas atrás pode agora ser proferido com absoluta impunidade". Para ele, o politicamente correto é produto da mesma dilapidação da esfera pública, no sentido da necessidade de se estabelecer regras em razão de valores não ditos não serem mais capazes de regular as interações cotidianas. Enquanto a cultura do politicamente incorreto é a defesa da dilapidação da esfera pública, a do politicamente correto pode ser considerada um diagnóstico sobre essa dilapidação, criando normas do que se pode ou não se pode dizer na esfera pública. Assim, compreende-se por que Bolsonaro tem legitimidade diante de uma parcela significativa da sociedade civil com sua retórica agressiva contra homossexuais, mulheres, negros etc. Para nós, a cultura do politicamente incorreto é uma

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 13 n. 2 Dezembro. 2018 ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968 *(print)*

forma discursiva a refletir a dilapidação da esfera pública e a crise dos partidos políticos, incapazes de mediar os conflitos sociais. A agressividade, por mais que se reduza a uma forma linguística, produz exclusão concreta, ao contribuir para a reprodução de estigmas sociais (GOFFMAN, 1998).

Os dados são ordenados pelos livros politicamente incorretos por um viés muito claro, levando em conta seu contexto social, de restabelecer o *status quo* ameaçado pela emergência da agenda das minorias. Como Narloch (2009, p. 27, grifos nossos) abre seu guia da história do Brasil: "É hora de jogar tomates na historiografia politicamente correta. Este guia reúne histórias que vão diretamente contra ela. *Só erros das vítimas* e dos heróis da bondade, *só virtudes dos considerados vilões*". Não esconde, portanto, estar manipulando os dados. Tanto é que escritores, historiadores e jornalistas convidados a participarem da série documental *Guia Politicamente Incorreto*, do History Channel, sem o saber, pediram para seus depoimentos não serem veiculados, assim que o souberam, cientes de que a edição iria dar um viés sobre o processo histórico no qual eles não concordariam. Lira Neto, biógrafo da trilogia sobre Getúlio Vargas, assim se expressa sobre o caso: "Falei com o diretor/entrevistador da série, Matheus Ruas, que enfim reconheceu o *erro ético* e, para remediar a barbaridade, *comprometeu-se a retirar minha participação dos episódios,* bem como eliminar qualquer menção a meu nome no material de divulgação" (ROCHA, 2017, grifos nossos). Pouco importa se há "erro ético" na manipulação dos dados, o que importa é que o discurso produz adesão, principalmente entre os jovens, como demonstra Ramos (2015), fortalecendo os estigmas sociais sobre os índios e os negros, especialmente. Assim, sua agenda é considerada injusta, produzindo desigualdade entre eles e o resto da sociedade civil.

Nisso, a retórica do politicamente incorreto apresenta uma novidade em relação à da intransigência. Para além das teses da perversidade, da ameaça e da futilidade identificadas por Hirschman (1992), há a tese da inversão. O *status quo* é justo, na medida em que nele há igualdade de todos perante a lei, mas caso a agenda das minorias seja adotada, terá como consequência a desigualdade. No cerne da inversão, troca-se o lugar de fala, com o opressor colocando-se como o oprimido, sem deixar de ressoar todas as ciladas da diferença e os medos da direita identificados por Pierucci (1987; 1990). Assim, o conservador ocupa o lugar de fala do outro para justificar a necessidade de se restabelecer o *status quo* não para dar oportunidades iguais, mas para preservar a igualdade abstrata. Por isso, a cultura do politicamente incorreto produz uma contra-história, fornecendo argumentos para justificar que a posição ocupada por negros e índios na sociedade contemporânea não tem fundamento histórico. Por um motivo: eles mesmos são responsáveis por estarem à margem das conquistas do capitalismo. Não fazendo sentido, historicamente falando, criar mecanismos para tentar vencer a marginalidade que os afetam. Afinal, eles estão apenas manipulando a história para se fazerem de vítimas, conseguindo assim obter vantagens através de uma agenda que se coloca como igualitária, mas que mina a igualdade, por ela se reproduzir naturalmente por obra da meritocracia possibilitada pela liberdade, fugindo da esfera de regulação do Estado. A necessidade de uma contra-história dá-se porque o "vitimismo" tem ressonância social por causa da ignorância que o ensino de história nos legou. Compreende-se, assim, o ataque frontal do politicamente incorreto às áreas de humanas, por seu saber ter legitimado a agenda das minorias. Mas a verdade, porém, tem dono e ela é politicamente incorreta.

Quer dizer, então, que a cultura do politicamente incorreto é um engodo? O que importa é que ela tem suas razões de ser, enunciar valores para sustentar a ação política de setores da sociedade civil. Essa cultura, portanto, tem ressonância social por fundamentar uma práxis. Não basta indicar suas distorções históricas, mas demonstrar a necessidade delas em um contexto social em que a agenda das minorias passa a ameaçar a posição ocupada pela classe média na sociedade. Nesse sentido que procuramos

analisar a cultura do politicamente incorreto, como valores sustentados no medo da classe média por perder seu estilo de vida com a ascensão da agenda das minorias. Essa cultura, portanto, se sustenta por legitimar a restauração do *status quo*.

Uma afirmação de Bloch (2001, p. 106, grifos no original) nos ajuda a entender por que distorções históricas podem ser aceitas em contextos específicos: "O erro, quase sempre, é previamente orientado. Sobretudo, espalha-se, só ganha vida sob a condição de se combinar com os *partis pris* da opinião comum; torna-se então [como] o espelho em que a consciência coletiva contempla seus próprios traços". O viés dos livros politicamente incorretos reafirma valores necessários para justificar a desigualdade da sociedade brasileira. De que a posição que o homossexual, o índio, a mulher, o negro etc ocupa na sociedade é natural e não é papel do Estado tentar regular a relação dos outros indivíduos com eles para tentar produzir igualdade. Se assim o fizer, levará à desigualdade. Voltando a Bloch (2001, p. 107), "para que o erro de uma testemunha torne-se o de muitos homens, para que uma observação malfeita se metamorfoseie em falso rumor, é preciso também que a situação da sociedade favoreça essa difusão". O contexto social do Brasil favoreceu a gênese de uma cultura que ao procurar restabelecer o *status quo* reafirma estigmas sociais sobre as minorias. Por ela não poder se sustentar no pensamento crítico produzido pelas universidades, se volta contra as humanidades, conseguindo encontrar no mercado editorial um meio de difusão. Afinal, quem consome a cultura do politicamente incorreto é de classe média, escolarizado, com acesso a bens culturais. Portanto, uma cultura se formou nos últimos anos, especialmente nos anos 2010, ganhando força em 2015 – inferimos com nossa cartografia do politicamente incorreto. Ela foi o terreno em que Bolsonaro explorou para se tornar um protagonista político e alcançar o maior cargo político do país. Agora, buscaremos compreender como ele usa a cultura do politicamente incorreto para seu protagonismo. Por ele dominar como poucos as redes sociais – inclusive sendo apontado como o político mais influente nelas em 2017 (FSB COMUNICAÇÃO, 2018) –, a analisaremos para entender com ele se coloca como porta voz dessa cultura no campo político.

Politicamente Incorreto em Jair Bolsonaro

Diante dos ataques a temas considerados politicamente corretos, Jair Bolsonaro pode ser compreendido a partir da imagem de politicamente incorreto? De forma direta: sim. Além disso, é possível apresentar uma correlação clara entre o uso de linguagem entendida como politicamente incorreta e o crescimento em redes sociais, aqui especialmente o Facebook, de Bolsonaro? Novamente, sim. O militar da reserva criou sua conta na principal rede social em uso do país em 14 de junho de 2013. Desde a criação, foram 2.611 *posts*, que geraram um total de 8,43 milhões de comentários e 75 milhões de reações – considerando a data do dia anterior ao período eleitoral de 2018, que começou em 15 de agosto. Nesse período, foram dois *posts* com o título de politicamente incorreto que trazem Bolsonaro se apresentando como defensor dessa visão. Além disso, há outros 17 *posts* com menções negativas, no título, ao politicamente correto.

Bolsonaro faz questão de se portar como politicamente incorreto, postando, inclusive, vídeo com várias frases irônicas, sarcásticas e que o mostram criticando o que ele chama de "esquerdismo" ou "politicamente correto". Em uma entrevista, ao responder sobre a quantidade de mortes causadas por policiais, ele declara: "Tu diz que a polícia matou tanto, né? Tu quer que a polícia não atire?". Com isso, a jornalista responde que "o encarceramento aumentou muito e a violência não diminuiu", o que leva Bolsonaro (s. d.) a retrucar: "Então vamos desencarcerar". O vídeo em questão, publicado em 2017, mas com passagens que remetiam aos anos de 2014 a 2016, teve 1,6 milhões de visualizações, gerando 93 mil reações, 6,5 mil comentários e 39 mil compartilhamentos. Em outro *post*, agora defendendo a manutenção dos benefícios previdenciários dos militares,

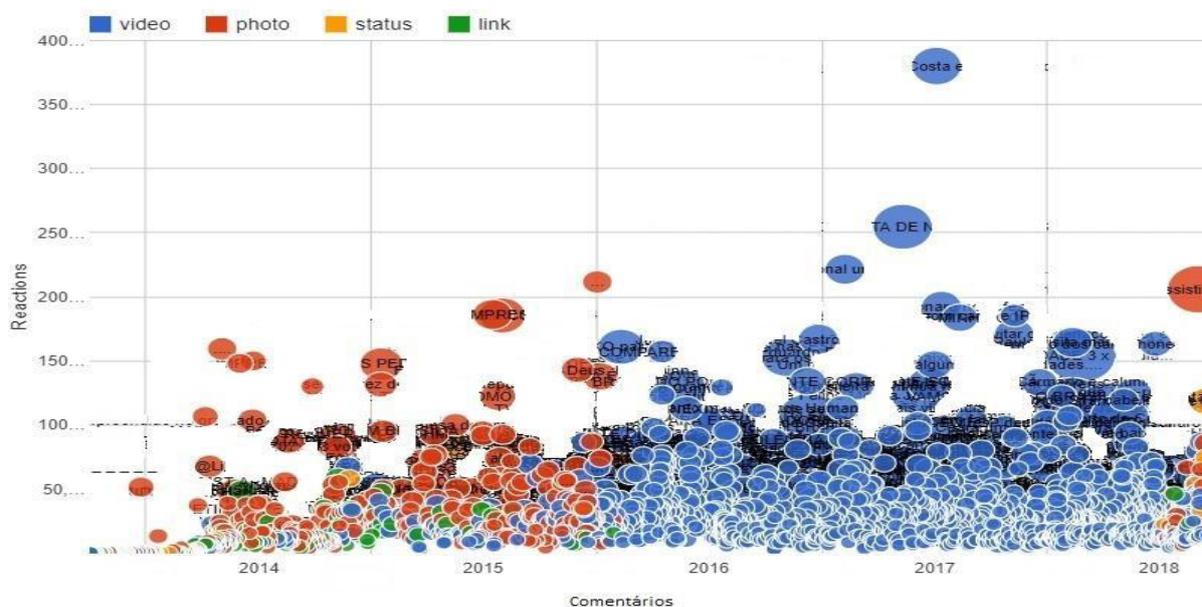
Bolsonaro (s. d.) afirma: "se quiserem colocar os militares na previdência, eu concordo: desde que tenha direito a greve, fundo de garantia", ao que o repórter responde: "então o senhor não concorda" e gera a seguinte resposta por parte de Bolsonaro: "Pera aí, não é igualdade?". O vídeo, também postado em março de 2017, mostra uma entrevista do ano anterior e gerou mais de meio milhão de visualizações, 30 mil reações, 1,4 mil comentários e 10 mil compartilhamentos. Postagens como essa amplificaram a voz do político, que aos poucos conseguiu aumentar o engajamento de suas publicações e o número de indivíduos que acompanhavam seu conteúdo, como é possível ver pelos números das duas tabelas abaixo. Ademais, o fizeram alcançar 5,66 milhões de seguidores até 15 de agosto de 2018, dia anterior ao início da propaganda eleitoral gratuita:

Tabela 1: *Posts*, comentários e reações às postagens de Jair Bolsonaro, em sua página oficial no Facebook, por ano:

Facebook	*Posts*	Comentários	Reações
2013 (a partir de 14/06)	112	13.077	1.114.497
2014	354	648.453	6.600.999
2015	317	1.044.546	10.189.922
2016	590	2.455.563	19.166.320
2017	593	2.146.369	19.258.376
2018 (até 15/08)	645	2.126.043	18.673.978

Fonte: os autores, com dados obtidos via o aplicativo Netvizz.

O sucesso de Bolsonaro se deve a sua retórica, mas também ao uso que potencializa os acessos do seu público. Observando suas mais de 2,6 mil postagens, se percebe o uso intensivo de um tipo de publicação do político: o vídeo. Ao todo, Bolsonaro publicou mais de 1,76 mil vídeos em sua página oficial do Facebook, desde sua criação. Isso representa 67,4% do total de publicações voltadas para o vídeo, que geraram mais de 1,2 bilhões de visualizações. Sendo o político com a maior quantidade de seguidores no Brasil, no gráfico abaixo conseguimos visualizar o impacto gerado por cada uma de suas publicações desde o início da criação da página. Na figura, cada bola representa uma postagem e cada cor representa um tipo de postagem (azul significa vídeo, vermelho representa as fotos, verde postagem compartilhadas e laranja atualizações do *status* da página). Como é possível constatar, após as bolas azuis, que representam os vídeos, as postagens que utilizam fotos ocupam quase a totalidade das publicações restantes. Para entender o impacto de cada postagem, basta atentar para sua disposição na página. Quanto mais alta estiver posicionada a bola, maior é o número de reações (curtida, amei, uau, raiva, tristeza e espanto) que gerou. Por sua vez, o tamanho da bola representa a somatória de comentários recebidos. Logo, quanto maior a bola, maior o número de comentários que a postagem teve:

Gráfico 2: Engajamento, reações, comentários e tipos de publicações de Bolsonaro em sua página oficial no Facebook

Fonte: Os autores, com dados coletados via Netvizz.

A postagem com maior número de comentários é de um vídeo publicado em abril de 2016, meses que antecederam ao *impeachment* e que alcançaram mais de 110 mil comentários. Na publicação, uma gravação de uma sala de aula, uma professora surge falando sobre gênero. No post, que leva o título de "flagrante de doutrinação em escola", Bolsonaro (s. d.) faz um questionamento: "imagina seu filho tendo aula com uma professora dessa". Por sua vez, o vídeo que alcançou o maior número de pessoas é de julho de 2017, quando o cantor sertanejo Eduardo Costa declara seu apoio a candidatura à presidência de Bolsonaro. O vídeo teve mais de 15 milhões de visualizações. Já a publicação com o maior número de compartilhamentos é de um vídeo com o título de "um modesto profissional uma grande verdade", na qual ele critica o sistema prisional e de como o Estado defende, unicamente, "vagabundos". Foram mais de 365 mil compartilhamentos e 10 milhões de visualizações. Um dos méritos de Bolsonaro é articular seu discurso de forma a encaixar nas propostas do politicamente incorreto, negando o conhecimento histórico, subvertendo políticas consolidadas e questionando a lógica do sistema. Isso foi feito a exaustão nos últimos dois anos, como mostram as postagens abaixo:

Reprodução 1:

Fonte: Facebook de Jair Bolsonaro, 11/11/2015.

Um dos pontos principais da posição politicamente incorreta de Bolsonaro consiste na defesa da ditadura militar, na qual ele argumenta que houve "respeito e progresso", com o país se desenvolvendo sem haver escândalos de corrupção. Esse tipo de publicação surge no período pré-impeachment, quando o deputado se opõe ao governo Dilma Rousseff e, também, aos governos anteriores do PSDB, assumindo uma postura anticorrupção. Por isso, acaba entrando no rol de postagens que fogem ao *establishment*. Mas o uso frequente da defesa da ditadura militar não é a única frente politicamente incorreta de Bolsonaro. Ele alia isso ao seu antipetismo e a frequente tentativa de associar o petismo ao que ele caracteriza como incentivo à pedofilia, como visto na figura abaixo:

Reprodução 2:

Fonte: Facebook de Jair Bolsonaro, 14/07/2015.

A publicação de informações incorretas também é uma característica constante dos *posts* de Bolsonaro, no qual afirma sua posição ao mostrar contra o que é contra. Nesse caso, contra a pedofilia, que segundo ele, está para ser legalizada pelo PT, do então governo Dilma Rousseff. Discussões de gênero, assim como temas voltados a homossexualidade estão entre os assuntos que o deputado abordava com frequência. Suas postagens apresentam críticas brutas, montagens de fotos e reproduções de falas suas, como a publicação abaixo:

Reprodução 3:

Fonte: Facebook de Jair Bolsonaro, 01/10/2014.

Por fim, outro tema constantemente debatido é a alteração da maioridade penal. Bolsonaro alia o crescente número de furtos a uma política contra o "cidadão de bem", no qual ONGs protegem criminosos e os cidadãos inocentes ficariam à mercê da situação. Nessa lógica, os governos petistas seriam culpados por não educarem apropriadamente as crianças e por permitirem que cometam crimes e escapem impunes.

Reprodução 4:

Fonte: Facebook de Jair Bolsonaro, 01/07/2015.

O crescimento do número de publicações que tenham no título o sintagma politicamente incorreto, o desencantamento da população com os partidos políticos, as constantes notícias de casos de corrupção envolvendo as mais diferentes lideranças aliadas às mudanças sociais introduzidas por uma maior compreensão dos indivíduos e de suas potencialidades auxiliaram na gestação do politicamente incorreto. Bolsonaro é um fruto do anseio de parte da população por maior segurança, por uma política que "mantenha as coisas no controle", por um retorno às práticas do passado e pela manutenção de um *status quo* em relação ao tratamento dos indivíduos. Sua página do Facebook reflete uma postura crítica ao que ele nomeia de "esquerdismo politicamente correto", que teve sua linguagem sofisticada e incentivada pela publicação de guias que ao apresentar uma contra-história da filosofia, do Brasil e do mundo, de partidos políticos e até mesmo do sexo, auxiliaram na popularização dessa cosmovisão e do crescimento de uma postura contrária à democracia e à agenda das minorias.

Considerações Finais

Em termos gerais, procuramos demonstrar uma intersecção entre o campo cultural e o campo político. Afinando essa afirmação, correlacionamos a formação e a difusão de uma cultura específica – por disseminar valores que são incorporados pelos agentes, refletindo em sua práxis – e seu pertencimento à gramática de um político profissional. Identificamos essa cultura no politicamente incorreto, difundido desde os primeiros anos do século XXI, com a publicação de uma série de livros que reproduzem estigmas sociais sobre as minorias, visando bloquear a adoção de sua agenda, que mudaria as relações deles com a sociedade civil, em um país marcado pela violência contra homossexuais, índios, mulheres, negros etc. O político é Jair Messias Bolsonaro, marcado por uma trajetória, até recentemente, inexpressiva, apesar de mandatos seguidos de deputado federal pelo Rio de Janeiro desde 1991, mas que teve uma ascensão meteórica nos últimos anos com suas declarações politicamente incorretas, por voltar-se contra essa agenda, chegando à presidência. Bolsonaro, para nós, é um produto complexo, por refletir setores da sociedade brasileira fortalecidos pela produção e circulação de bens culturais que subsidiaram a ação política dos conservadores contra o conhecimento produzido na universidade, identificada como corresponsável, junto com o PT, por uma suposta hegemonia das minorias na esfera pública. Bolsonaro, portanto, não é o responsável pela radicalização da sociedade, mas é produto dessa radicalização, que vinha se dando no âmbito da cultura do politicamente incorreto. Ele é porta-voz por ter sido o político mais hábil em verbalizar valores que vão de encontro a essa cultura.

Para compreendermo-la, fizemos uma cartografia dos livros publicados que fazem uso do sintagma politicamente incorreto no título. Assim, conseguimos precisar quando ela foi se formando e se disseminando, passando a legitimar os estigmas sociais sobre os homossexuais, os índios, as mulheres, os negros etc. Ela se sobrepõe a outros fenômenos sociais, destacadamente a crise dos partidos políticos, marcado pelo antipartidarismo, antipetismo etc. Somente após refletirmos sobre a cultura do politicamente incorreto – sem deixar de apresentar sua cronologia no tempo – que tentamos compreender Bolsonaro como o político que se apropriou dela para tornar-se um protagonista político, conseguindo se eleger presidente da república nas eleições de 2018. Um dos espaços de sociabilidade de quem se identifica com essa cultura se dá nas redes sociais. Bolsonaro é o político que mais tem domínio da linguagem sincrônica delas, com frases curtas e lapidares, sem necessariamente apresentarem coerência interna entre elas, mas cujo efeito bola de neve é eficiente para conquistar mais adeptos, por gerar imagens, *memes*, vídeos etc com um engajamento significativo entre jovens. Assim, voltamo-nos para a análise do Facebook de Bolsonaro para demonstrar como ele faz uso da retórica do politicamente incorreto para conquistar mais adeptos, para sua imagem

atrelar-se mais e mais aos jovens, escolarizados, do sexo masculino, onde se consolidou. A nova direita, na correlação que apresentamos entre cultura e política, tem uma dinâmica própria, por ter levado para a esfera pública a linguagem das redes sociais. Além disso, o estudo reafirma a elasticidade de uma esfera pública, capaz de alocar, mesmo que em contínua e necessária posição de enfrentamento, um indivíduo que verbaliza preconceitos contra as minorias.

Referências

AVELAR, Idelber. Trabalho é tão ideológico quanto a ideologia que quer combater. *Folha de S. Paulo*, 17 ago. 2013. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1327620-opiniao-trabalho-e-tao-ideologico-quanto-a-ideologia-que-quer-combater.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda*. 2ª ed. UNESP, 2001.

BOLSONARO, Jair Messias. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro>. Acesso em: 25 ago. 2018.

______. *Roda Viva*. TV Cultura, 30 jul. 2018. Disponível em: < http://tvcultura.com.br/videos/65961_roda-viva-jair-bolsonaro-30-07-2018.html>. Acesso em: 21 ago. 2018.

CEPÊDA, Vera. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 75-122, mai.-ago. 2018.

CEPÊDA, Vera; DI CARLO, Josnei. Pensamento político brasileiro: o vigor de um campo de pesquisa. *Em Tese,* Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 5-11, jan./jun. 2017.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. *Insight Inteligência*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 72, p. 24-41, jan-mar. 2016.

CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). *Direita, Volver*!. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

CUNHA E CRUZ, Marco Aurélio Rodrigues; TRAMONTINA, Robison; SCHMITZ, Grazieli Ana Paula. Maria do Rosário vs. Jair Bolsonaro: uma leitura (anti)democrática do Inquérito Penal nº 3.932. *Espaço Jurídico Journal of Law,* Chapecó, vol. 19, n. 2, p. 553-580, 2018.

DATAFOLHA. Temas políticos. *Datafolha*, 27-28 set. 2017. Disponível em:<media.folha.uol.com.br/olha/2017/10/03/0fd1b3a0cedd68ba47456fb25b.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

______. Intenção de voto para presidente da República. *Datafolha*, 06-07 jun. 2018. Disponível em: <media.folha.uol.com.br/a/2018/06/22/08fa14d3cef22ac80a3dcb2427ecda84ivc.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

FERNANDES, Letícia. Henrique Meirelles, um lulista no MDB. *Época*, 02 jun. 2018. Disponível em: <epoca.globo.com/politica/noticia/2018/07/henrique-meirelles-um-lulista-no-mdb.html>. Acesso em: 25 ago. 2018.

FSB Comunicação. Bolsonaro lidera ranking de influência nas redes, mas no conjunto o predomínio é do PT. *FSB Comunicação*, 08 jan. 2018. Disponível em: </www.fsb.com.br/noticia/bolsonaro-lidera-ranking-de-influencia-nas-redes-mas-no-conjunto-o-predominio-e-do-pt>. Acesso em: 25 ago. 2018.

FRANCO, Luiza. Mais da metade dos brasileiros acham que direitos humanos beneficiam quem não merece, diz pesquisa. *BBC News Brasil,* 11 ago. 2018. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/brasil-45138048>. Acesso em 26 ago.

2018.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

GRUDA, Mateus Pranzetti Paul. *O Discurso do Humor Politicamente Incorreto no Mundo Contemporâneo*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

HIRSCHMAN, Albert O. *A Retórica da Intransigência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

KAMRADT, João; DI CARLO, Josnei. Pensando as eleições e *Os Sentidos do Lulismo*: entrevista com André Singer. *Em Tese*, Florianópolis, vol. 10, n. 2, jul./dez., 2013.

LAGO, Miguel. Bolsonaro fala outra língua. *piauí*, 13 ago. 2018. Disponível em: <piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-fala-outra-lingua/>. Acesso em: 21 ago. 2018.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as Democracias Morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History. História da Historiografia,* Ouro Preto, n. 15, p. 27-50, ago. 2014.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 32, n. 3, p. 621-647, set.-dez. 2017.

NARLOCH, Leandro. *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil.* São Paulo: LeYa, 2009.

______. *Guia Politicamente Incorreto da Economia Brasileira.* São Paulo: LeYa, 2015.

______. *Guia Politicamente Incorreto da História do Mundo*. São Paulo, LeYa, 2013.

PAIXÃO, Cristiano; FRISSO, Giovanna. Usos da memória: as experiências do holocausto e da ditadura militar. *Lua Nova*, São Paulo, 97, p. 191-212, jan.-abr. 2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. *Novos Estudos*, São Paulo, vol. 3, n. 19, p. 26-45, jul.-dez. 1987.

_____. Ciladas da diferença. *Tempo Social,* São Paulo, vol. 2, n. 2, p. 7-33, jul.-dez. 1990.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. Derrisão e ironia cínica no humor contemporâneo: os limites entre o politicamente incorreto e o incorretamente político. *História*, São Paulo, v.33, n. 2, p. 470-488, jul./dez. 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, p. 3-15, jan.-jun., 1989.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia.* São Paulo, LeYa, 2012.

______. *Guia Politicamente Incorreto do Sexo.* São Paulo, LeYa, 2015.

PULS, Mauricio; PAIVA, Natália. Oito em cada dez brasileiros nunca ouviram falar do AI-5. *Folha de S. Paulo,* 13 dez. 2008. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1312200819.htm>. Acesso em: 25 ago. 2018.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. O que pensam os alunos do ensino médio sobre o ensino de história apresentado no *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil,* de Leandro Narloch. *Diálogos*, Maringá, v. 19, n.1, p. 345-367, jan.-abr. 2015.

ROCHA, Pedro. Historiadores pedem para ter

imagem retirada da série *Guia Politicamente Incorreto,* do History. *Estado de S. Paulo*: 23 out. 2017. Disponível em: <cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,historiadores-pedem-para-ter-imagem-retirada-da-serie-guia-politicamente-incorreto-do-history,70002057115>. Acesso em: 24 ago. 2018.

SAMUELS, David. A evolução do petismo (2002-2008). *Opinião Pública*, Campinas, v. 14, n. 2, p. 302-318, nov. 2008.

SANTOS, Bárbara Ferreira. Um a cada três brasileiros apoia intervenção militar no país. *Época*, 02 out. 2017. Disponível em: <exame.abril.com.br/brasil/um-a-cada-tres-brasileiros-apoia-intervencao-militar-no-pais>. Acesso em 26 ago. 2018.

SINGER, André. *Os Sentidos do Lulismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOLANO, Esther. *Crise da Democracia e Extremismo de Direita*. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2018a.

______ (orgs.). *O Ódio como Política*. São Paulo: Boitempo, 2018b.

SOUSA, Ivan Sérgio Freire de. Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil. *Cadernos de Ciência & Tecnologia,* Brasília, v. 27, n. 1/3, p. 113-117, jan./dez. 2010.

TELLES, Helcimara. A direita vai às ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno. *Ponto e Vírgula*, São Paulo, n. 19, p. 97-125, jan.-jun. 2016.

ZIZEK, Slavoj. *O Ano em que Sonhamos Perigosamente.* São Paulo: Boitempo, 2012.

______. Trump e o retorno do politicamente incorreto. *Blog da Boitempo*, 19 fev. 2016. Disponível em: <blogdaboitempo.com.br/2016/02/19/zizek-donald-trump-e-o-retorno-do-politicamente-incorreto/>. Acesso em: 23 ago. 2018.